

Capítulo 3

Os Métodos da Dogmática

Vários métodos foram e ainda são seguidos pelos dogmáticos. Esses métodos, geralmente são determinados pela atitude que um determinado dogmático assume em relação à revelação e por sua visão das Sagradas Escrituras.

O Método Eclesiástico

O método eclesiástico data da escolástica, embora já tenha sido sugerido por Agostinho. Isto ainda é mantido pela Igreja Católica Romana como um método apropriado. A autoridade da Igreja é exaltada acima da verdade das Escrituras. A Instituição-Igreja — o clero, e especialmente desde 1870, o Papa — é infalível.⁸

Portanto, os decretos do papa são infalíveis, e a única tarefa que resta ao dogmático é elucidar a verdade do que a igreja e seus decretos estejam fundamentados, ou seja pela razão da Escritura ou por ambos. De acordo com esta concepção, a Escritura é uma verdade subordinada à autoridade da igreja.

Embora, certamente seja verdade que a igreja é guiada pelo Espírito Santo, em toda a verdade e ainda que esta orientação é prontamente admitida como infalível, no entanto, contra este método, pode-se afirmar que esta pergunta se torna um terreno certo da manifestação da igreja que foi assim conduzida pelo

⁸ The Dogmatic Decrees of the Vatican Council concerning the Catholic Faith and the Church of Christ 4, in CC, 2:270–71.

Espírito Santo, dentro e estabelecendo um dado dogma que pode ser respondido dentro de um caminho de uma crítica comparação do tal dogma com a Palavra de Deus. Somente a Escritura deve sempre permanecer como único critério e primeiro princípio de conhecimento (*principium cognoscendi*) de toda a dogmática. É este princípio que foi enfaticamente proclamado pelos reformadores.

O Método Bíblico-Teológico

Radicalmente diferente do método eclesiástico e do método da Reforma, é o método bíblico-teológico. O slogan desse método é que nós devemos fazer um *vai de volta* para Escritura, e isso é feito por que aqueles que seguem este método, significa que devemos romper com os decretos dogmáticos, bem como de termos dogmáticos e simplesmente seguir a Bíblia.

Eles reclamam que, a menos que este método seja seguido por uma filosofia humanista, vai sempre ser carregado com o conteúdo das Sagradas Escrituras, e o dogmático falará em vez de deixar as Escrituras falarem. Segundo eles, os dogmas existentes mostram claramente que isso caracterizou os trabalhos da igreja no passado. Por isso devemos quebrar essas obras dogmáticas da igreja para retornar e aderir o mais próximo possível das Escrituras em si.

Há um elemento de verdade nessa concepção de teologia bíblica. Na dogmatização, o perigo de proceder da razão humana e não das Escrituras sempre existe.

Mesmo sendo uma premissa básica que pode ser derivada da Bíblia, não há garantia absoluta de que todas as conclusões dogmáticas tiradas de tal premissa realmente decorrem dela e, portanto, são verdadeiras. Além disso, a história do dogma mostrará que houve uma tendência a sintetizar a filosofia do mundo e os conteúdos da revelação. Aceitaremos esta advertência daqueles que defendem o método da teologia bíblica, mas levamos isto como um aviso só contra uma inscrição errada de certo método e não como uma prova que este método em si deve ser condenado.

Contra o método bíblico-teológico isto pode objetar e desprezar o trabalho da igreja dentro do passado e totalmente ignorar ou condenar a orientação do Espírito Santo pela qual a igreja do passado foi conduzida a toda a verdade. Ignorar o fato de que a Escritura não é uma compilação de doutrinas prontas de forma sistemática e expressada em termos dogmáticos, mas que é revelação, tecida na textura do terreno e histórico desenvolvimento de Deus na Igreja dentro do mundo. E a teologia bíblica na verdade é uma condenação da dogmática *per se*. Na medida em que não quer ser tal condenação, simplesmente engana-se a si mesma, pois as mentes dos crentes podem apropriar-se da verdade das Escrituras somente na forma de contemplação lógica. É, portanto, tarefa do dogmático e da igreja extrair das Escrituras, toda a verdade do sistema, que é certamente presente dentro deles, no entanto isto não é revelado de forma sistemática.

O Método Subjetivo

Especialmente desde o período do Iluminismo (Aufklärung), vários métodos surgiram e entraram em voga, os quais, embora diferindo uns dos outros nos detalhes, têm em comum o fato de fazerem do homem o criador do seu próprio deus, tal como o fazem o homem, o criador de seu próprio mundo. Eles são os métodos subjetivistas. Eles procuram o homem autônomo.

Sob este título geral podemos distinguir entre diferentes escolas. Nós os distinguimos uns dos outros conforme buscam a fonte do conhecimento de Deus na vontade, no intelecto ou nas emoções e nas experiências místicas do homem.

Kant é o principal representante da primeira escola. Ele negou a revelação. Procurando a *“razão pura”* e suas operações, ele não encontrou Deus e, portanto, não teve lugar para ele. A razão pura não poderia contemplar o infinito. Mas, enfrentando o perigo do ateísmo, ele abriu espaço para Deus através da sua *“razão prática”* e descobriu a voz de Deus em *“imperativos categóricos”*. Na realidade, isto significa simplesmente que a consciência moral do indivíduo e da comunidade é o princípio fundamental do conhecimento de Deus.

A verdade é aquilo que está em harmonia com os ditames da consciência, e até Deus é medido por esse padrão. Conseqüentemente, não é realmente o conhecimento, mas a bondade, a vida, que verdadeiramente importa.

É fácil ver os erros fundamentais desta filosofia. Na escola kantiana é o homem moral quem faz o seu próprio deus à sua imagem. Isto é uma negação do pecado, porque no momento em que se reconhece o pecado, o imperativo categórico não é confiável, e um deus moldado segundo os conteúdos da consciência moral do homem é corrupto, tal como o próprio homem. Esta teoria é a ressurreição do antigo princípio do diabo no paraíso: “*sereis como deuses [Deus], conhecendo o bem e o mal*” (Gn.3:5). É uma negação da revelação e das Escrituras como palavra de Deus, pois a consciência moral do homem deve determinar quanto das Escrituras pode ser considerada valiosa e verdadeira. Este é o método ético-subjetivo.

Outra escola na mesma categoria geral seguiria o método intelectual. Hegel pode ser representado como o chefe desta escola de pensamento. Segundo ele, a mente finita postula dialeticamente o Deus infinito (a dialética na teologia Barthiana tem uma conotação diferente). Por mais limitada que seja a mente do homem, o resultado não é um deus, mas uma concepção vazia, uma conclusão lógica. O homem não pode alcançar Deus; o finito nunca pode tocar o infinito.

Sempre que o homem faz uma tentativa no orgulho de sua mente, o resultado é como Barth certa vez expressou: ***que ele imagina o que Deus diz quando o homem diz mais alto.***⁹ Se o homem

⁹ Karl Barth, A Palavra de Deus e a Palavra do Homem, trad. Douglas Horton (Londres: Hodder & Stoughton, 1935), 196. A citação diz: “Com todo o respeito à genialidade demonstrada em seu trabalho, não posso considerar Schleiermacher um bom professor no domínio da teologia porque, até onde eu Como posso ver, ele é desastrosamente míope em relação ao fato de que o homem, como homem, não está apenas necessitado, mas além de qualquer esperança de salvar-se; que toda a chamada religião, e não menos importante a religião cristã, compartilha desta necessidade, e que não se pode falar de Deus simplesmente falando do homem em voz alta” – Ed.

quiser conhecer a Deus, Deus deve alcançá-lo. Deus deve falar; o homem deve ouvir. Ele deve ter revelação.

Finalmente, existe o método místico-subjetivo, que está ligado ao nome daquele adorável infiel que afirmava ser um infiel com a cabeça e um cristão no coração, o autor da teologia mediadora (*Vermittlungstheologie*), Schleiermacher.¹⁰ Segundo ele e esta escola, a fonte do conhecimento de Deus encontra-se na experiência religiosa, especialmente na experiência religiosa da igreja, e particularmente no sentimento de dependência.

Mas os seguidores deste método enganam-se a si próprios, tal como Schleiermacher. Nenhum conhecimento de Deus deve ser derivado da experiência mística do indivíduo ou da igreja. Na verdade, a experiência mística não tem conteúdo a menos que seja interpretada. Aquilo que dá conteúdo a esta experiência mística na forma de conhecimento de Deus deve ser o próprio Deus ou o homem que faz o seu próprio deus. Nunca teria havido qualquer conhecimento de Deus na igreja ou qualquer experiência religiosa, exceto através das Escrituras. Dos três métodos subjetivos, o de Schleiermacher não é apenas o mais bonito, mas também, pela própria natureza do caso, o mais intangível e indefinido.

O Método Comparativo-Histórico-Religioso

Nos últimos anos, o método comparativo-histórico-religioso tornou-se bastante popular entre os dogmáticos modernos. De

¹⁰ *Vermittlungstheologie* (teologia mediadora) foi uma escola específica de teologia alemã do século XIX, inspirada por Schleiermacher, que partiu da subjetividade da fé e tentou sintetizar o cristianismo e a filosofia idealista moderna em uma religião racional e moralmente defensável – Ed.

acordo com este método (existe uma verdade não dogmática dentro deste método), religião é simplesmente tratada como qualquer outro fenômeno histórico. A tarefa do dogmático, se assim pode ser chamado, é investigar as várias religiões do passado ou do presente, cristãs ou pagãs, e determinar o seu valor relativo.

Este método não procede de nenhuma concepção de revelação. Não existe um padrão objetivo de verdade religiosa pelo qual as várias religiões podem ser julgadas e avaliadas. Com certeza, a religião cristã não é a única religião verdadeira, embora possa ser relativamente a melhor. A verdade é provavelmente o maior denominador comum de todas as religiões. De acordo com este método, é evidente que o dogmático é ele mesmo a medida *ou padrão* da verdade.

O Método da Escola Barthiana

A escola Barthiana pode ser classificada como a escola subjetiva de pensamento, na qual historicamente teve sua origem, na medida em que Barth nega a autoridade objetiva e absoluta das Sagradas Escrituras como único princípio do conhecimento de Deus e de toda dogmática e teologia e substitui com o discurso da igreja a respeito de Deus como a fonte desse conhecimento. É verdade que Barth negaria isso, pois ele insiste que a palavra de Deus (*das Wort Gottes*) é a única fonte possível do conhecimento de Deus. No entanto, a concepção da Palavra de Deus de Barth é tal que não permanece um critério objetivo para a fala da igreja acerca de Deus. Barth acredita na revelação através dos “*momentos*”.

O Método Exegético-Sintético

O método correto dentro de toda a dogmática deve ser este, encontrar a fonte do conhecimento do Deus nas Escrituras, reconhecendo-as como a revelação completa e infalível de Deus ao seu povo, levando em conta a origem histórica dos dogmas existentes sob a orientação do Espírito Santo, demonstrando criticamente sua relação com a Bíblia, e visando sintetizar a verdade revelada nas Escrituras em um estudo sistemático. Este método pode ser chamado de método exegético-sintético.